PROJETO Mulheres na Ciência Política

ABCP
Associação Brasileira
de Ciência Política

PROJETO Mulheres na Ciência Política

Coordenação: Carla Almeida, Cristina Buarque de Hollanda, Flávia Biroli, Luciana Tatagiba, Vanessa Elias de Oliveira

Comissão executiva: Carla Almeida, Cristina Buarque de Hollanda

Revisão e finalização: Bianca Florencio

Programação visual: Bruno Maggioni, Contágio Criação

Uma realização da Associação Brasileira de Ciência Política, sob a gestão (2018-2020) de Flávia Biroli (presidente), Fernando Guarnieri (secretário executivo), Luciana Tatagiba (secretária executiva adjunta), Ednaldo Ribeiro, Fabiano Engelmann, Luciana Ballestrin, Maria Dolores Lima da Silva, Mariana Batista, Monique Menezes, Ricardo Fabrino Mendonça, Rogério Arantes, Vanessa Elias de Oliveira.

ABCP
Associação Brasileira de Ciência Política

ENTREVISTAS

1. **Argelina Figueiredo (UERJ)**, por San Romanelli Assumpção (UERJ)
2. **Céli Pinto (UFRGS)**, por Luciana Ballestrin (UFPel)
3. **Celina Souza (UNIRIO)**, por Maria Abreu (UFRJ)
4. **Cristina Carvalho Pacheco (UEPB)**, por Lizandra Serafim (UFPB)
5. **Denise Paiva (UFG)**, por Fabiana da Cunha Saddi (UFG)
6. **Eliane Superti (UNIFAP)**, por Camila Maria Risso Sales (UFLA)
7. **Evelina Dagnino (UNICAMP)**, por Flávia Cristina Regilio Rossi (Unicamp)
8. **Gabriela Tarouco (UFPE)**, por Monique Menezes (UFPI)
9. **Lígia Helena Hahn Lüchmann (UFSC)**, por Carla Ayres (Pesquisadora Independente)
10. **Lindijane de Souza Bento Almeida (UFRN)**, por Olívia Cristina Perez (UFPI)
11. **Lourdes Sola (USP)**, por San Romanelli Assumpção (UERJ)
12. **Luciana Aliaga (UFPB)**, por Lizandra Serafim (UFPB)
13. **Maria Hermínia Tavares de Almeida (USP)**, por Vanessa Elias de Oliveira (UFABC)
14. **Maria Luzia Álvares (UFPA)**, por Maria Dolores L. da Silva (UFPA)
15. **Maria Regina Soares de Lima (UERJ)**, por Letícia Pinheiro (UERJ) e Carlos Milani (UERJ)
16. **Maria Teresa Miceli Kerbauy (UNESP)**, por Carla Ayres (Pesquisadora Independente)
17. **Maria Teresa Sadek (USP)**, por San Romanelli Assumpção (UERJ) e Glenda Mezarobba (Pesquisadora Independente)
18. **Maria Victoria de Mesquita Benevides (USP)**, por San Romanelli Assumpção (UERJ) e Glenda Mezarobba (Pesquisadora Independente)
19. **Maria de Fátima Junho Anastasia (UFMG)**, por Helga do Nascimento de Almeida (UNIVASF)
20. **Maria do Socorro Sousa Braga (UFSCar)**, por Carla Ayres (Pesquisadora Independente)
21. **Marilde Loiola de Menezes (UnB)**, por Danusa Marques (UnB)
22. **Marlise Matos (UFMG)**, por Breno Cypriano (UFMG)
23. **Marta Arretche (USP)**, por Luciana Martins (UFES)
24. **Mônica Mata Machado de Castro (UFMG)**, por Claudia Feres (UFMG)
25. **Monique Menezes (UFPI)**, por Camila Maria Risso Sales (UFLA)
26. **Nírvia Ravena (UFPA)**, por Maria Dolores L. da Silva (UFPA)
27. **Rachel Meneguello (UNICAMP)**, por Luciana Tatagiba (Unicamp)
28. **Raquel Kritsch (UEL)**, por Carla Almeida (UEM)
29. **Sônia Draibe (UNICAMP)**, por Vanessa Elias de Oliveira (UFABC)
30. **Vera Chaia (PUC-SP)**, por Natasha Bachini (UERJ)

O PROJETO

A Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) tem um compromisso histórico com a compreensão e o aprimoramento da Ciência Política no Brasil. É neste sentido que, no momento atual, se volta para as relações de gênero e analisa as diferentes formas como essas relações estruturam os contornos do nosso campo disciplinar e o exercício da profissão. Nosso objetivo com esse projeto é duplo. Por um lado, buscamos dar continuidade a esforços das diretorias que nos precederam no sentido de resgatar nossa memória institucional. Por outro lado, queremos evidenciar a contribuição das mulheres na construção dos alicerces de nossa disciplina, algo nem sempre devidamente considerado.

O Projeto Mulheres na Ciência Política se iniciou em 2018. Uma de suas frentes, desenvolvida ao longo de 2019, foi a realização de entrevistas com mulheres que atuam na área. São mulheres de diferentes gerações e regiões do país, cujas trajetórias denotam forte compromisso com a construção e consolidação da Ciência Política, por meio das atividades de pesquisa, de ensino e do desempenho de funções administrativas em diferentes âmbitos.

Ao todo, foram 30 entrevistas, que agora tornamos públicas. Contamos com o trabalho e apoio qualificado de 23 entrevistadoras, também da área de Ciência Política, com afinidades teóricas e, em muitos casos, parcerias e proximidade afetiva com as entrevistadas. A todas elas, entrevistadas e entrevistadoras, agradecemos por terem aceitado fazer parte desse projeto, por sua seriedade, compromisso e afabilidade em todo o processo. Nos encontros que resultaram nas entrevistas aqui reunidas, a produção do conhecimento e a afetividade estiveram entrelaçadas. Para nossa Diretoria, essa dimensão do projeto foi algo muito valioso, visto encarnar nossa aposta em uma forma de produção do conhecimento que seja ao mesmo tempo rigorosa e solidária, onde o cuidado de si e o cuidado do outro não sejam contrapostos à produção intelectual, mas seu ingrediente ineludível.

Vemos essas entrevistas como um momento inicial dos esforços da ABCP para reconhecer a relevância das cientistas mulheres e melhor entender quem são, suas trajetórias e se, e como, o fato de serem mulheres toca seu desenvolvimento acadêmico e profissional. Esperamos que outros esforços se somem a esses e mais trajetórias possam ser conhecidas.

Para além da visibilidade, nosso objetivo é contribuir para a reflexão sobre relações de poder no próprio campo. As entrevistas, assim como o livro Mulheres, poder e Ciência Política, organizado pelas coordenadoras do projeto e que será publicado pela Editora da Unicamp no ano de 2020, oferecem diferentes tipos de dados e experiências narradas que permitem identificar vieses e problemas que merecem nossa atenção.

Iniciamos esta breve apresentação mencionando o compromisso da ABCP com a compreensão e aprimoramento da Ciência Política no Brasil. Gostaríamos de finalizar o texto ressaltando que nosso entendimento é que isso envolve a construção de relações mais igualitárias e democráticas, dentro e fora da academia e da disciplina. Há muitos desafios para a produção do conhecimento e, também, para a reinvenção das relações de gênero, de modo que violência, assédio e a reprodução de práticas formais e informais que significam desvantagens para as mulheres sejam superadas.

Flávia Biroli (presidente Abcp)

Fernando Guarnieri (secretário executivo)

Luciana Tatagiba (secretaria adjunta)

Diretoria ABCP 2018-2020

NOTA DA COMISSÃO EXECUTIVA

O Projeto Mulheres na Ciência Política traz a público trajetórias profissionais femininas que marcaram a constituição e a expansão desse campo disciplinar no Brasil. Ao longo dos anos de 2018 e 2019, ele promoveu a entrevista de 30 cientistas políticas brasileiras de diferentes gerações, regiões e instituições. Temos clareza de que se trata de um conjunto muito reduzido de profissionais de uma área cujos esforços de estabelecimento e expansão foram significativamente femininos. Com intenção apenas exploratória – que poderá ser ampliada e aprimorada no futuro – o projeto contemplou mulheres que iniciaram sua formação em fins dos anos 60 e 70 e empreenderam as primeiras ações de institucionalização da Ciência Política no país, mulheres que participaram ativamente do processo de consolidação da Ciência Política nas décadas seguintes e, por fim, mulheres que atuaram na expansão experimentada pela área no Brasil, notadamente nos anos 2000, com a criação de novos programas de graduação e pós-graduação pelo território nacional.

Nessa empreitada, contamos com uma equipe de 23 colegas entrevistadoras que tinham ou tiveram alguma relação prévia com as entrevistadas, seja de orientação, vida profissional em comum, e/ ou afinidade e admiração intelectual. A elas agradecemos a generosa disponibilidade e também o entusiasmo com que acolheram o projeto. A partir de um roteiro semiestruturado proposto pelas organizadoras deste projeto após debate amplo, as entrevistadoras atuaram com liberdade e acrescentaram suas próprias questões às entrevistadas, ao sabor do próprio curso das entrevistas e também de suas cumplicidades com as entrevistadas. O material farto que resultou desse empreendimento coletivo tem traços comuns que permitem estabelecer comparações entre as entrevistas, mas tem também marcas das interações muito particulares entre entrevistadas e entrevistadoras. Na organização do material, além de pequenos textos livres de auto-apresentação das entrevistadas, incluímos também trechos em que as entrevistadoras comentam sua experiência de entrevista e, assim, dividem com o leitor elementos para que possam compreender seu contexto de interação.

Evidentemente, as entrevistas não esgotaram a pluralidade das trajetórias das mulheres partícipes da construção e expansão da área no país e deixaram de fora centenas delas. Entretanto, a preocupação em contemplar diferentes gerações, regiões e filiações institucionais gerou um corpus discursivo multifacetado, rico e suscetível a diferentes perguntas de pesquisa e interpelações analíticas. A expectativa é de que esse material inspire outras iniciativas que ampliem nosso conhecimento sobre a Ciência Política, a presença das mulheres e outros marcadores de desigualdade que fizeram e fazem parte da construção desse campo disciplinar no país.

Carla Almeida

Cristina Buarque de Hollanda

Comissão Executiva do Projeto Mulheres na Ciência Política

Nota introdutória

NATASHA BACHINI

A luta das mulheres pela igualdade de gênero, ao longo das últimas décadas, vem modificando a configuração dos espaços institucionais e acadêmicos que são ocupados, majoritariamente, por homens. Desse modo, ser pesquisadora da Ciência Política é duplamente desafiador e ser orientada por uma, uma excepcionalidade salutar. Recebi a proposta de entrevistar a Vera para o projeto com muito entusiasmo, dada a sua importante participação em minha formação (já que foi minha orientadora na Iniciação Científica, no Trabalho de Conclusão de Curso e no Mestrado) e a grande referência que é no campo da Comunicação Política. Como a própria Vera destacou, entrevistar é um processo enriquecedor, no qual aprendemos muito e esta conversa é mais uma evidência disso. Sua trajetória nos ajuda a compreender não somente a conformação deste campo no Brasil, mas também um pouco da história recente do país e as adversidades enfrentadas pelos intelectuais, sobretudo pelas mulheres intelectuais, no exercício de sua profissão neste período.

Auto-apresentação

VERA CHAIA

Sou professora do departamento de Política do programa de pós-graduação em Ciências Sociais e pesquisadora do Neamp – Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atuo, também, como pesquisadora do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Possuo doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) obtido com a defesa da tese "A Liderança Política de Jânio Quadros – 1947 a 1990" e com a tese "Imprensa e Câmara Municipal de São Paulo – 1989-1996", consegui meu título de livre-docência pela PUC-SP. Além de possuir vários capítulos de livros publicados, publiquei dois livros: "Jornalismo e Política: escândalos e relações de poder na Câmara Municipal de São Paulo" e "A Liderança Política de Jânio Quadros – 1947-1990". Tenho como principais pesquisas realizadas: Escândalos Políticos e Mídia: estudo de alguns casos na vida política brasileira; A Rede Globo de Televisão: jornalismo comunitário e cívico; Mídia, Campanha Eleitoral e Comportamento Político em São Paulo; O uso das novas tecnologias na ação política no Brasil e na Espanha; Lideranças Políticas e Cinema: a imagem do poder; As novas formas de participação política e as comunidades *on-line*: um estudo do *Orkut;* Lideranças Políticas no Brasil: características e questões institucionais.

Entrevista

Natasha Bachini: *Estamos iniciando a entrevista com a professora Vera Chaia, do programa de estudos pós-graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo [PUC-SP], para o projeto da Associação Brasileira de Ciência Política [ABCP] "Mulheres na Ciência Política". Boa tarde, professora Vera. Gostaria que você começasse falando um pouco sobre a sua trajetória profissional: formação, filiações institucionais, áreas de interesse de pesquisa etc.*

Vera Chaia: Boa tarde, Natasha. Entrei na faculdade PUC-SP em 1969, ou seja, no auge da ditadura militar, depois do AI-5 e do decreto 477. Os meus professores não tinham sido atingidos por esse decreto e a Ciência Política era dada por juristas. Tive como professores o Dalmo Dallari; o Vicente Marotta, que depois foi diretor da Faculdade de Direito da USP [Universidade de São Paulo]; Franco Montoro; Guido Soares, ou seja, professores muito conceituados, mas que puxavam muito mais a discussão para o Direito e a Teoria Geral do Estado do que propriamente para os conflitos e os partidos. Foi só a partir de 1971, ou 1972, que tivemos a presença de cientistas políticos no corpo docente e aí me apaixonei pela Ciência Política. Fui monitora de disciplinas voltadas à Ciência Política e, logo que me formei, continuei como professora – estávamos sendo formados para isso mesmo, para sermos professores. Ao mesmo tempo, em 1973, entrei na USP para fazer o mestrado em Sociologia. Fiz um estágio na Centrais Elétricas de São Paulo e, através desse estágio, conheci o movimento social no campo, o qual me fascinou de tal modo que decidi fazer meu mestrado sobre o movimento de arrendatários na região de Santa Fé do Sul, em São Paulo, com o professor José de Souza Martins. Assim, mantive as duas atividades: fazia o mestrado e continuava dando aula.

NB: *Dava aula na PUC?*

VC: Na PUC-SP, na área de Ciência Política. Comecei a dar aula muito jovem, logo que me formei, com 22 anos. Dava aula e fazia mestrado – que durava sete anos – com bolsa. Tive bolsa de CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico] e Capes [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior]. Viajei para apresentar meu trabalho; participei de um grupo de estudos sobre movimentos sociais no campo financiado pela Fundação Ford; conheci pessoas maravilhosas; fiz pesquisas com colegas sobre o sindicalismo no campo... Ou seja, trabalhei muito nessa área enquanto dava aula de Ciência Política. Quando defendi o mestrado, isso foi em 1981, decidi parar com os estudos na área de movimentos sociais, pois realmente me interessava a política institucional. Resolvi fazer o doutorado em Ciência Política na USP, sob a orientação da professora Maria Tereza Sadek, sobre Jânio Quadros, tentando entender a sua carreira política. Para isso, minha pesquisa começou em 1947 – quando foi eleito vereador na cidade de São Paulo – e foi até 1991. Fiz um estudo acompanhando a trajetória política do Jânio inteira: estudei partidos, campanhas eleitorais e, principalmente, o papel da imprensa. Isso me despertou outro interesse: entender o relacionamento entre mídia e política e a vida política naquele momento. A partir de então, um novo objeto me seduziu: a comunicação política. Depois que defendi o doutorado, em 1991, segui lecionando.

NB: *O mestrado era mais longo que o doutorado?*

VC: Sim, era. A pós-graduação no Brasil estava sendo regulamentada. Para mim, foi importante esse tempo porque, no período em que cursei a graduação, não tive muita coisa, minha formação foi

insuficiente devido à ditadura militar. Foi no mestrado que descobri outros autores, outras obras – o que me ajudou muito na vida profissional –, complementou a formação da graduação. No doutorado foi melhor ainda por causa da formação em Ciência Política, e foi quando me envolvi na área da comunicação política. O primeiro estudo que realizei propriamente nessa área, juntamente com a Silvana Tótora da PUC-SP, foi sobre o papel da imprensa na Câmara Municipal de São Paulo, analisando como os partidos políticos daquele período estavam perdendo a função da intermediação entre os políticos e os cidadãos – a pesquisa foi de 1992 a 1993. A imprensa ocupou este lugar. Os jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo criaram cadernos especiais, que cobriam a política local: o caderno Metrópole, do Estado, e o caderno Cotidiano, da Folha. Entrevistamos jornalistas que faziam a cobertura e acompanhávamos todo o trabalho da imprensa de atender aos interesses da população, como fazer plantão em determinadas regiões para ver quais eram as reivindicações dos cidadãos. A partir deste trabalho, comecei a ser financiada pelo CNPq, isso foi em 1996 ou 1997. Desde então, todas as minhas pesquisas são financiadas pela bolsa produtividade. Naquele momento, não havia amplo acesso à internet – que começou por volta de 1994 –, não se tinha acesso aos dados. Com isso, passava dias trabalhando na hemeroteca da Câmara Municipal tirando cópia dos documentos, das matérias... Entrevistei pessoas, jornalistas e vereadores, e esse material fez com que me identificasse ainda mais com a comunicação política. Posteriormente, realizei outra pesquisa, também financiada pelo CNPq, na Câmara Municipal de São Paulo sobre os escândalos políticos e a mídia. Estava na Câmara trabalhando exatamente essa temática, fazendo um estudo sobre a cobertura jornalística do Legislativo nas gestões de Luiza Erundina e Paulo Maluf, quando estourou o escândalo da máfia dos fiscais na gestão do prefeito Celso Pitta. A partir daquele momento, as portas se fecharam para mim.

NB: ***Imagino...***

VC: Foi difícil, foi difícil... Acho que o papel do pesquisador é, realmente, enfrentar esses problemas. Claro que não pude fazer o que pretendia em termos de amplitude do meu objeto, mas deu resultado. Inclusive, foi com esse tema dos escândalos e a Câmara Municipal de São Paulo que defendi minha livre-docência. Depois disso, coordenei com outros colegas – Fernando Azevedo da UFSCAR [Universidade Federal de São Carlos] e Raquel Meneguello da Unicamp [Universidade Estadual de Campinas] – meu primeiro projeto temático, que foi financiado pela Fapesp [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo]. Trabalhamos muito com mídia, campanha eleitoral, comportamento político, o que rendeu várias produções: teses e dissertações de alunos nossos e de pesquisadores que já estavam envolvidos em nosso núcleo, o Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política [Neamp] da PUC-SP.

NB: *Que foi fundado...*

VC: Que foi fundado em 1997. Eu e o professor Miguel Chaia coordenamos o Neamp. Temos mais de 30 pesquisadores e quase todos passaram por essas pesquisas. Pesquisas essas que envolveram viagens, contatos em um segundo momento com a Espanha... Fizemos uma pesquisa sobre os usos das novas tecnologias na ação política na Espanha e no Brasil, acompanhando as eleições de 2006 aqui e 2008 lá. Foi uma pesquisa financiada pela Capes e um projeto binacional realizado com a Universidade Rey Juan Carlos, da Espanha. Nesse projeto, analisamos o papel das novas tecnologias no processo político, algo que ainda era pouco estudado aqui no Brasil. Nós entramos em contato com os colegas da Espanha e fizemos um estudo sobre *sites*, *blogs*... Naquele momento, o *YouTube* não tinha tanta importância como tem agora. Acompanhamos as eleições presidenciais e isso rendeu muitas viagens entre os países. Foi uma experiência maravilhosa e até hoje mantemos contato com esses colegas.

NB: *E agora você coordena um projeto pela Fapesp sobre as lideranças políticas brasileiras.*

VC: Isso. Mas antes, é importante falar que quando estudamos as eleições, principalmente no projeto temático, fiz um acompanhamento da disputa a partir da cobertura jornalística do SPTV, da Rede Globo. Analisei os jornais locais, vi como se posicionavam e o nosso grupo começou a estudar o telejornalismo e radiojornalismo. Não sabíamos, de maneira sistemática, nada sobre televisão, nada sobre as coberturas dos telejornais, sobre radiojornalismo, mas deu muito certo. Como falei, formamos muitas pessoas e isso significou um avanço para a área da comunicação política que se dedicava a essa discussão. Um estudo que fiz, também pelo CNPq, foi do *Orkut*. O *Orkut* era muito fácil pesquisar: você estudava, escolhia as comunidades e via quem era a favor ou contra. Não havia grandes conflitos, havia conflitos internos, mas não como o *Facebook* que é um mundo, que tem uma metodologia própria. Anos atrás, não tinha muito que fazer: você analisava a participação dos eleitores. Foi muito interessante. E o nosso grupo continuou a pesquisar, tanto que temos pesquisadores voltados a esta área hoje. Cito Rosemary Segurado, da PUC-SP; Cláudio Penteado, da UFABC [Universidade Federal do ABC]; Rafael Araújo, da PUC-SP; Marcelo Burgos, da UFPB [Universidade Federal da Paraíba], Natasha Bachini, do IESP-UERJ [Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro]; e Tathiana Chicarino, da PUC-SP, que continuaram nessa área das novas tecnologias estudando o *Facebook* e outras mídias, desenvolvendo novas metodologias. Houve um avanço e o nosso grupo se dividiu em termos de preferência de estudos, o que é muito bom. Você lança uma semente, a semente cresce e o trabalho se multiplica. Os pesquisadores se formam e vão criando outras sementes, outras possibilidades de estudo também. Coordeno, agora, a pesquisa "Lideranças Políticas no Brasil: características e questões institucionais" – outro projeto temático, também da Fapesp. Construímos um banco de dados para catalogar todas as lideranças, desde o período colonial, império, até a atualidade. Percebemos que elas mudaram e, em um determinado momento, tivemos um redimensionamento também do próprio projeto, ou seja, não bastava estudar as lideranças políticas institucionais. Introduzimos o estudo dos coletivos, o que nos exigiu pensar outra metodologia. Não é como entrevistar um político, para o qual já se tem um formato certo de perguntas – quando ele começou a carreira, em que condições, qual partido, quais projetos... Primeiro, é difícil você sensibilizá-los para dar entrevistas e, depois, o tipo de pergunta é muito diferente daquelas que se faz para os políticos tradicionais, que atuam nas instituições.

NB: *A concepção do fazer político, da atuação das lideranças, da própria liderança política é diferente.*

VC: Justamente.

NB: *São múltiplas concepções.*

VC: Exato. Foi um grande desafio que estamos conseguindo superar e significou trabalho dobrado. Antes, era previsto um tipo de pesquisa e nós a desdobramos, mas acho que isso só enriqueceu o projeto. Enriqueceu e tornou mais difícil concluí-lo, porque são duas vertentes: a política institucional e os movimentos sociais. As entrevistas foram gravadas e editadas para ficarem disponíveis em um canal específico do *YouTube.*

NB: *Fizemos quantas entrevistas ao total?*

VC: Entrevistamos quarenta e sete políticos e cerca de trinta coletivos. Esse foi o nosso grande desafio. E, para a minha pesquisa do CNPq, resolvi estudar outra relação: entre as lideranças políticas e o cinema. Isso ocorreu porque, tempos atrás, estava em uma comissão da Anpocs [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais] – a Comissão de Imagem e

Som – a convite do Cícero Araújo da USP que, naquela ocasião, era secretário da Anpocs e me falou: "Vera, não tem ninguém da Ciência Política aqui e sei que o núcleo de vocês trabalha também nessa área". Aceitei entrar na comissão, mas percebi que era preciso me aprofundar. O que me move é a curiosidade, a vontade de ver áreas diferentes, foi a partir daí que comecei a estudar como os filmes de ficção e documentários retratam os presidentes do Brasil e dos Estados Unidos. Dessa maneira, estou trabalhando nessa área, e, ao mesmo tempo, no projeto temático das lideranças políticas no Brasil.

NB: *Você citou suas diversas pesquisas e interesses, sempre no campo da comunicação política, ou, pelo menos, na maior parte do tempo. Estudou a construção de imagem de políticos, a construção da imagem das instituições políticas pela imprensa, a cobertura jornalística sobre a política, depois a apropriação política das novas tecnologias. Agora esses projetos sobre as lideranças e as lideranças políticas e o cinema... Você poderia citar algumas das suas principais influências, no que se refere a obras, autores e teorias nessas investigações?*

VC: Acho que depende muito do tipo de trabalho. Quando trabalhei com Jânio Quadros no doutorado, o autor que mais se identificava com o meu objeto era Max Weber. Além do estudo das dominações, das lideranças, trabalhei muito com a questão da dominação racional-legal, porque fiz um estudo do Jânio tentando entender o motivo pelo qual ele permaneceu tanto tempo na política. Obtive resposta não por sua figura, mas pelo *staff* administrativo que ele tinha. Durante toda a vida, embora fosse autoritário, centralizador, ele teve um grupo político que sempre o acompanhou. Foi esse grupo que sustentou a liderança do Jânio Quadros. Com relação aos movimentos sociais, quando fiz o meu mestrado, trabalhei muito com Alain Touraine e Eric Hobsbawm, buscando entender a atuação dessas organizações. Na área da comunicação, trabalhei bastante com o John Thompson, principalmente a questão dos escândalos e a concepção da mídia. A mídia, para Thompson – e assumo essa postura – não manipula totalmente. Existe um grau de autonomia, um grau de livre-arbítrio e um grau de influência que não são diretamente ligados à imprensa, à mídia de modo geral, ou seja...

NB: *Não é uma absorção total do conteúdo, há uma capacidade interpretativa dos expectadores.*

VC: Exatamente. Quando dava aula, logo no começo, um dos autores que muito trabalhei e alguns alunos se inspiraram foi Antonio Gramsci, sobretudo para tratar das questões da hegemonia, da participação e dos partidos políticos. Esses são os autores, que me lembro agora, que mais me ajudaram ao longo desses estudos.

NB: *E nesses estudos sobre a apropriação das novas tecnologias e esse mais recente das lideranças políticas?*

VC: Acho que o Manuel Castells foi o mais importante. Além dos volumes que ele tem da "Era da Informação", dá várias dicas sobre como acompanhar esses movimentos.

NB: *É curioso como a trajetória de vocês é semelhante. Ele também começou estudando movimentos sociais e depois foi para essa discussão da Comunicação Política nas redes.*

VC: Então estou muito bem acompanhada.

NB: *Ou ele está muito bem acompanhado.*

VC: Mas é engraçado. Na verdade, isso aconteceu comigo e o Fernando Azevedo, que é meu amigo há 40 anos. Começamos a trabalhar juntos na área de movimentos sociais e fomos mudando juntos. Em certo momento, ele trabalhou com partidos políticos e eu, com Jânio Quadros e partidos políticos, depois entramos na área da comunicação. É bom mudar. O objeto de estudo que fica eterno na sua vida intelectual te limita. Gosto de mudar, gosto de estudar e agora estou muito bem trabalhando com cinema, com lideranças. Adoro fazer entrevistas, considero uma ótima experiência. Pelo projeto da Fapesp, viajamos para realizar entrevistas com lideranças e coletivos em algumas cidades como Brasília, São Paulo, Fortaleza, Salvador, São Luís, Porto Alegre... Isso que enriquece a pesquisa, é uma troca que você estabelece.

NB: *Com certeza, aprendemos muito realizando entrevistas.*

VC: Aprendemos, e aprendemos a ficar quieta também, porque o pesquisador não pode dar palpite na hora que está entrevistando. Quando fiz a minha pesquisa do Jânio, o que mais me marcou foram as lideranças autoritárias. Eu chegava em casa realmente arrasada, com dor de cabeça, mal... Por quê? Porque não estava acostumada a essas lideranças autoritárias. Mas tudo se aprende, tudo é importante. E só se enriquece com esse contato também. Não basta, na minha avaliação, analisar a conjuntura, tem que ver quem está presente, quais são as pessoas, qual grupo político está lá, qual é a participação efetiva deles... Chegar a esse grupo e tentar entender a cabeça dele também.

NB: *Vera, agora farei algumas perguntas sobre a relação entre sua trajetória acadêmica e sua vida privada. Como sua trajetória profissional foi, se foi, afetada por sua vida privada e vice-versa? Isto é, se e como a sua vida privada foi afetada pela profissional também...*

VC: Na verdade, quando comecei minha vida profissional, em 1973, nem pensava em fazer pós-graduação. Naquele momento, não havia essa obrigação de continuar os estudos. Entrei na pós-graduação porque gostava do meu objeto, gostei do professor e fiz. Mas sete anos de vivência no mestrado era muito tempo. Durante esse período, tive dois filhos e é aí que vemos como é complicado você ter a sua vida profissional, viajar para congressos e manter uma vida familiar. Mas acho que consegui. O papel da mulher é muito difícil, porque você não é só profissional, não é só pesquisadora, você é mãe, é dona de casa. É muito complicado. A mulher fica sobrecarregada. E você tem que vencer, porque senão...

NB: *Conciliar todos esses compromissos, essas obrigações...*

VC: Exatamente.

NB: *E você acha que os seus colegas homens tiveram as mesmas dificuldades que você nessa conciliação da vida profissional com a vida privada?*

VC: Acho que não, acho que os homens têm maior facilidade, porque não assumem certas atividades que as mulheres assumem, principalmente na criação de filhos. Agora os tempos mudaram, existe maior envolvimento dos pais no cuidado dos filhos e no trabalho doméstico de modo geral. Uma vez foi interessante. Minha filha mais nova, a Lia, queria ver onde a mãe trabalhava. Eu estava ministrando curso na História, uma disciplina à tarde, e a levei. Prepararei um lanche, o caderno, lápis e ela ficou quietinha no canto e adorou. É essa a vida que temos e que fica encoberta na vida doméstica. Tanto que quando você fica em casa, as pessoas perguntam: "mas você não está trabalhando?". Estamos trabalhando em casa, fazendo trabalho intelectual em casa. Você ainda é professora fora do horário oficial de trabalho.

NB: *O trabalho intelectual é uma das primeiras modalidades do home office (risos).*

VC: Exatamente... Dá para conciliar, mas é difícil. A atuação do homem, hoje, é muito mais de participação, de companheirismo do que no passado. Antes não havia essa cultura de trabalho em conjunto, de divisão igualitária de tarefas...

NB: *Com certeza. Vera, gostaria agora que você comentasse a condição da mulher na Ciência Política.*

VC: A mulher conseguiu abrir um espaço na Ciência Política, tanto que, se formos ver a pós-graduação, a maioria do seu corpo discente atualmente é composto de mulheres. Isso é muito bom, porque se antes este era um campo basicamente masculino, hoje se vê a presença da mulher muito marcante. Não só no campo dos estudos, da pós-graduação, mas na direção de associações, o que é muito importante. Começou com colegas como a Lourdes Sola, Maria Hermínia Tavares... Hoje, temos a Flávia Biroli na presidência da ABCP. É muito importante a presença da mulher nestes espaços.

NB: *E o desempenho da Ciência Política no Brasil? Como você avalia os rumos da disciplina nas últimas décadas? Quais foram ou são suas virtudes e seus limites?*

VC: Houve uma mudança, a sensibilização de alguns estudos. Antes, fazer Ciência Política era fazer todo um trabalho voltado aos gráficos, a técnicas quantitativas e hoje você vê uma abertura maior ao pensamento político, a uma reflexão muito mais ampla nesse sentido, principalmente na área da comunicação. Quando começamos o nosso projeto em 2000, a comunicação era vista como perfumaria. Como estudar comunicação? Por que estudar imprensa? Por quê? Porque é ela que constrói a imagem política. A despeito de vários obstáculos, fomos rompendo essa visão de perfumaria. Construímos uma área muito importante não só para a Ciência Política, mas também para o próprio campo da comunicação. Ou seja, houve uma ampliação e um estreitamento da relação entre a comunicação e a política.

NB: *Como você avalia sua condição de mulher na academia e especificamente na Ciência Política?*

VC: Acho que desde o começo existe o respeito nessa área. A minha impressão é que a mulher tem a necessidade de ampliar esse campo de trabalho, ir em busca de novos objetos. A mulher é muito mais inovadora nesse aspecto do que os homens. A mulher tem essa vontade de mudar mais do que os homens e se afirmar no campo da Ciência Política. Acho que existe o respeito sim. No passado, a Ciência Política era dominada pelos homens, mas acho que as mulheres estão conseguindo o seu espaço.

NB: *Você teve dificuldades, no passado, para se inserir na área?*

VC: Não, porque me formei e já entrei... Era muito jovem.

NB: *Mas e na participação em congressos ou outra situação? Algum constrangimento?*

VC: Na verdade, comecei a atuar nos congressos mais nessa área de movimentos sociais. Ia para Embrapa [Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária], ia para congressos ligados aos movimentos. Nós tivemos um financiamento da Fundação Ford, percorremos o Brasil construindo metodologias, discutindo movimentos e, só a partir de 1986, basicamente, que entrei mais na Ciência Política. Tanto que foi em 1996 que participei da Anpocs com uma temática desta área propriamente; até esse momento, apresentava trabalhos na área de movimentos sociais. Mas eram

movimentos sociais ligados à política. O primeiro movimento que estudei para o mestrado, como disse, foi o de Santa Fé do Sul, que teve participação do Partido Comunista do Brasil [PCdoB] e da Igreja Católica com a Teologia da Libertação. Ou seja, eram movimentos sociais, mas ligados às instituições políticas.

NB: *O estudo dos movimentos sociais é uma área de fronteira entre a Sociologia e a Ciência Política. É muito difícil você não pegar referências de ambos os campos.*

VC: Exatamente.

NB: *E como sua trajetória individual, como professora e pesquisadora, se situou nesse quadro mais geral do desenvolvimento da Ciência Política? Como você avalia as suas contribuições para a Ciência Política?*

VC: Acho que a minha contribuição, a do Miguel Chaia e desse grupo de pesquisadores que citei foi que construímos uma área e tivemos colegas fantásticos neste processo. Cito o Marcus Figueiredo do IESP-UERJ, que já faleceu; o Mauro Porto da *Tulane University*; o Venício Lima da UnB [Universidade de Brasília]; o Antônio Albino Canelas Rubim da UFBA [Universidade Federal da Bahia]; o Wilson Gomes também da UFBA; além do Fernando Azevedo, que foi fundamental.

NB: *Foram vocês que fundaram o GT [Grupo de trabalho] da Anpocs, não é?*

VC: O GT da Anpocs...

NB: *Sobre mídia e eleições...*

VC: Mídia e eleições, depois houve uma ampliação dessa discussão.

NB: *Criaram inclusive outros GTs...*

VC: Sim. Os GTs sobre ciberativismo, novas tecnologias e outros grupos – acho que somos precursores nessa área – e o Neamp, que tem uma respeitabilidade grande. Produzimos vários textos, artigos, livros... Acho que é importante lembrar nossa participação na vida acadêmica, não só na instituição, mas a nossa presença interferindo em determinados momentos do processo político também.

NB: *Como você avalia a importância que vem adquirindo as demandas relacionadas a gênero, nos últimos anos, no dito mundo do trabalho, inclusive nas instituições acadêmicas e políticas, a exemplo de cotas, de denúncias de assédio etc.?*

VC: Acho importante. Estamos vivendo um momento no qual a mulher, usando o termo, está se empoderando, ou seja, a mulher está conquistando espaços, inclusive para fazer estudos nessa área. A atuação da mulher está sendo realmente fundamental em termos de denúncias, de pesquisas.

NB: *Inclusive no projeto das lideranças políticas brasileiras.*

VC: Nós entrevistamos muitas mulheres para o projeto. Muitas delas tiveram cargo de direção nos partidos políticos. Cito o caso da liderança no PCdoB, cuja entrevista é parte de um dos *papers* que já publicamos, no qual mostramos o poder das mulheres nesse processo, no processo de formação e de atuação na esfera institucional.

NB: *Você enfrentou situações difíceis por ser mulher no exercício da sua profissão?*

VC: Acho que não... Na universidade não tem, pelo menos não senti esse preconceito, essa limitação na atuação. Talvez seja mais frequente e evidente em outras profissões, mas na vida acadêmica acho que não senti, tanto que trabalhei, fui chefe departamento várias vezes, vice-diretora da faculdade, trabalhei também na coordenação da pós... Acho que não tem esse limite de considerar mulher como inferior para determinados cargos. Você tem que impor a sua presença, a sua atuação e tem que ser forte... Forte para enfrentar os problemas que podem vir com a sua presença na vida acadêmica também.

NB: *Tem alguma outra observação que você gostaria de fazer a respeito do tema que não foi citada nas perguntas?*

VC: Acho muito importante a ABCP estar fazendo esse tipo de trabalho. Nós já tivemos mulheres na direção da ABCP, mas agora a diferença é que nós temos pesquisadoras trabalhando exatamente nessa área. Talvez a sensibilidade seja maior.

NB: *Está certo. Encerramos por aqui, Vera. Muitíssimo obrigada!*